

# A ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL PARA LEITORES DE ANOS INICIAIS: UM ESTUDO DE CASO NOS ACERVOS DO PNBE 2010 E 2012<sup>1</sup>

Amanda Amaral Dullius<sup>2</sup>  
Rosa Maria Hessel Silveira<sup>3</sup>

## RESUMO

As adaptações de clássicos da literatura mundial para leitores iniciais são de grande importância à medida que atuam como facilitadoras ao acesso e conhecimento de tais obras. O presente estudo propôs-se a examinar os processos de adaptação de duas obras conhecidas dos Irmãos Grimm para livros infantis selecionados e distribuídos pelo PNBE em 2010 e 2012. Com a análise dos dados obtidos através do exame comparativo das obras adaptadas com as versões mais antigas, pode-se concluir que os principais elementos das narrativas são mantidos, de forma a aproximar as versões. Entretanto, são detectadas diferenças que se explicam através de seus contextos de produção e destinatários, reforçando a conveniência de tal adaptação.

**Palavras-chave:** Adaptação, literatura, clássicos, PNBE, séries iniciais.

## ABSTRACT

Adaptations of classics of world literature for early readers are of great importance as they act as facilitators to the access and the knowledge of such works. The present study aimed at examining the processes of adaptation of two well-known works of the Brothers Grimm to children's books selected and distributed by PNBE in the years 2010 and 2012. With the analysis of data obtained through the comparison of the adapted works with their older versions, it is possible to conclude that the main elements of the narrative are kept in order to bring the versions close to each other. However, the differences detected can be explained by their contexts of production and recipients, reinforcing the convenience of such adaptation.

**Keywords:** Adaptations, literature, classics, PNBE, first years of elementary school.

## INTRODUÇÃO

A literatura infantil, desde a sua consolidação na Europa - em meados do século XVII – caracterizou-se por abranger um repertório de leituras clássicas, muitas vezes adaptadas para a linguagem e características de seu público alvo. Somente por volta do século XVIII, com o surgimento de uma sociedade burguesa e capitalista, uma nova

<sup>1</sup> O presente artigo foi produzido no Projeto de Pesquisa "Literatura infantil: um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores de anos iniciais", apoiado pelo CNPq e FAPERGS.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa/UFRGS – Bolsista PIBIC/CNPq

<sup>3</sup> Professora Colaboradora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS (rosamhs@terra.com.br)

noção de família e um conceito de infância como fase da vida distinta da idade adulta, teve início a produção de uma literatura voltada diretamente para a criança, embora atendendo a objetivos adultos.

Inicialmente, tais leituras se caracterizavam por um alto teor educativo e, por este motivo, passou-se a estabelecer uma associação entre literatura infanto-juvenil, escola e pedagogia. Apesar de ter em sua origem um cunho pedagógico, tal literatura gradativamente passou a contar com textos produzidos intencionalmente para crianças ou para elas adaptados, nos quais se abria espaço para a imaginação e para a fantasia. Assim, não tardou que surgissem como constituintes principais desta categoria literária os conhecidos contos de fadas – majoritariamente originários da tradição oral – e as adaptações de clássicos da literatura universal.

Dentro do modelo de adaptação literária de clássicos da literatura universal endereçada ao infante, é possível encontrar várias obras canonizadas na literatura adulta que são apresentadas através de recriações e adaptações, adequadas ao que se supõe ser a linguagem infantil, sua possibilidade de compreensão e sua sensibilidade. Entre as adaptações mais recorrentes e conhecidas estão as de contos de Charles Perrault, Hans Christian Andersen e Irmãos Grimm, as peças teatrais de William Shakespeare e romances, como os de Jonathan Swift, Sir Arthur Conan Doyle, Charles Dickens e Oscar Wilde.

A partir desta vertente da literatura infanto-juvenil, o presente trabalho se propõe a analisar duas obras que se caracterizam como adaptações de contos de fadas, no contexto da literatura para jovens leitores de anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, foram selecionadas dos acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) duas adaptações de contos clássicos dos Irmãos Grimm, selecionadas para constituir os acervos distribuídos nos anos de 2010 e 2012. Tais obras são *O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamelin*, em adaptação de Bráulio Tavares, e *A Gata Borralheira e Outras Histórias*, de Walcyr Carrasco, e foram elas analisadas através de um exame comparativo com as versões mais antigas encontradas em livros de referência ou em sites especializados da internet.

Com estas análises, buscou-se averiguar as semelhanças e diferenças perceptíveis entre as obras e verificar em que medida as diferenças se relacionam ao contexto atual de publicação; também se buscou identificar quais ferramentas os autores contemporâneos utilizam para aproximar os contos clássicos do século XIX de seu público contemporâneo.

## **APROFUNDANDO O CONTEXTO DO TRABALHO**

Há muito se discute a importância e a relevância do papel das adaptações literárias na formação de jovens leitores. Engajam-se nessas discussões autores como João Luís Ceccantini, Lígia Cademartori e Diógenes Buenos Aires de Carvalho, posicionando-se a favor da utilização das adaptações como ferramenta de introdução de crianças e jovens ao conhecimento e leitura dos clássicos. É possível observar uma congruência bastante forte entre as ideias sustentadas por esses e outros autores com respeito ao tema.

De acordo com Cademartori (2009, p.68), “obras traduzidas e adaptadas exercem importante função tanto na formação quanto no entretenimento do leitor jovem”. Seguindo a mesma linha de pensamento, Carvalho (2013) afirma que a adaptação tem como meta “[...] criar, em seu público alvo, o gosto pela leitura literária.” Além disso, o autor reforça a ideia de que adaptações literárias se configuram como um recurso bastante eficiente para a iniciação à leitura literária, ao afirmar que:

Um dos entraves para a concretização da aquisição desse repertório literário é o leitor-alvo que, do ponto de vista da maturidade cognitiva, linguística e intelectual, está em transição, não permitindo, em diversas situações, uma aproximação mais satisfatória com o livro original/fonte. (CARVALHO, 2013, p. 255)

Cademartori relembra que toda tradução e toda adaptação apresenta uma diferença frente ao original e é nessa diferença que se insere a inventividade do tradutor e do adaptador, que produz, assim, uma “recriação que transforma um texto em outro com força própria” (p. 69). Todavia, a autora sustenta que não somente de diferenças se constitui uma adaptação, mas também das semelhanças mantidas com a obra original, a partir da preservação de elementos essenciais transpostos de uma história a outra. Para ela:

O caráter aproximativo da adaptação não justifica, porém, que, ao adaptar, se subtraia da obra o que podemos chamar de elementos essenciais, porque constituem marcas de identidade a que a obra deve a permanência ao longo dos séculos, farta fonte de sentido aos leitores. (CADEMARTORI, 2009, p. 70)

A adaptação não representa, entretanto, como relembra Ceccantini (1997, p. 6) uma temática consensual e pacífica entre os críticos; assim, as controvérsias sobre o tema vêm sendo alimentadas pelo grande número de adaptações “mediadas por diferentes linguagens” como o cinema, os quadrinhos, os desenhos animados e a própria linguagem literária, relembra o autor. Para os autores citados, de qualquer forma, as obras canonizadas da literatura universal se constituem como bens simbólicos que compõem o capital cultural de toda e qualquer sociedade e, por consequência, suas adaptações seriam as responsáveis por uma proximidade maior de seu público-alvo (neste caso, crianças e adolescentes) às histórias repassadas por sucessivas gerações e que deixaram, bem como atribuíram a si, marcas culturais por onde passaram. Especificamente sobre as adaptações dos contos de fadas, Ceccantini (1997, p. 6) cita Nelly Novaes Coelho, para afirmar que

os contos de fadas foram adaptados em função do ‘interesse lúdico ou dramático do enredo, somado à exemplaridade do comportamento humano ali em evidência; exemplaridade que fugia dos estreitos limites ‘morais’ para assumirem o valor de ‘sabedoria de vida’, válida para qualquer tempo ou espaço (CECCANTINI, 1997, p. 6).

Por se tratar de bens culturais, as obras que compõem o cânone consagrado – e, por conseguinte, suas adaptações – têm na instituição escolar uma grande aliada em sua difusão entre os jovens leitores, visto que é à escola que se atribui, tradicionalmente, a função de formar leitores literários.

Uma vez que escolhemos realizar a análise de obras adaptadas pertencentes aos acervos do PNBE, cabe neste momento trazer alguns dados sobre o referido programa governamental.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) é um programa desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, subsidiado pelo Governo Federal, que tem como objetivo prover todas as escolas de ensino público das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e da educação de jovens e adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica.

Entre as categorias estabelecidas dentro do Programa, a mais tradicional é o PNBE Literatura, que seleciona livros de literatura através de um processo coordenado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (CEALE-FAE-UFMG), que conta com especialistas de todo o país. Os acervos resultantes desse processo seletivo são distribuídos às escolas de ensino público anualmente, de acordo com um critério pré-estabelecido de distribuição. Considerando-se que os acervos são repassados às escolas públicas de todo o país, tem-se uma ideia do potencial de leitura que cada obra selecionada possui, na medida em que o Governo Federal adquire e distribui dezenas de milhares de volumes de cada título, que restarão nas bibliotecas escolares de todo o Brasil.

## ANÁLISES E ACHADOS

Tomou-se como metodologia para a realização deste trabalho o cotejo entre as versões escritas mais antigas, no caso as registradas pelos Irmãos Grimm, e a adaptação recente dos contos selecionados, acrescido de consultas a textos teóricos a respeito de tradução, adaptação e contos de fadas. A partir disso são identificadas as semelhanças e diferenças entre as versões, bem como seus efeitos em relação à qualidade estética das obras.

A primeira distinção feita entre a adaptação *O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamelin*, de Bráulio Tavares, e a versão do conto *O Flautista de Hamelin* escrita pelos Irmãos Grimm, diz respeito ao fato de que o texto original é escrito em prosa, enquanto a adaptação é escrita em versos, com o uso de estrofes rimadas que seguem o formato poético da literatura de cordel.

Na adaptação de Bráulio Tavares, a história se inicia com o narrador se dirigindo diretamente ao leitor: “Leitor, espere um momento...”, enquanto, na versão original, o narrador apenas apresenta a história, sem interpelar o leitor. A convocação ao leitor no início do poema é um elemento bastante presente na literatura de cordel. Por outro lado,

percebe-se, em ambas as versões, que se trata de um narrador onisciente, que conhece, além dos fatos que compõem o enredo, o pensamento das personagens.

Além de um narrador convidando o leitor a ler a história que será contada, observa-se que a linguagem utilizada na adaptação é bastante coloquial e de fácil entendimento, enquanto na versão dos Irmãos Grimm, que nos chega através de tradução do original, possui um tom mais formal. Ainda, na adaptação recente, os versos são compostos por rimas intercaladas, o que confere ao texto a musicalidade da poesia de cordel.

Analisando, ainda, a adaptação de Tavares é possível observar a inserção de uma maior riqueza de detalhes na narração, nas caracterizações das personagens, assim como a incorporação de elementos peculiares do mundo político e social contemporâneo. Assim, são citadas discussões a respeito de qual instância de governo seria responsável por ressarcir os danos e a devastação causada pela infestação de ratos, assim como há alusão à manifestação do povo em busca de soluções, entre outros elementos frequentes em nossa vivência social atual. Tais inserções de elementos contemporâneos podem ser observadas a seguir:

Exemplo 1	Exemplo 2
Daí a pouco o Prefeito apareceu na sacada: “Calma, calma, minha gente, isto não há de ser nada! Uma Comissão de Inquérito por mim já foi nomeada!” <p style="text-align: right;">(Adaptação)</p>	“Vejam que horrível tragédia aflige a nossa cidade! Ninguém toma providências, ninguém mostra autoridade, e o que nós mais precisamos é de um líder de verdade!” <p style="text-align: right;">(Adaptação)</p>

Se analisarmos a versão dos Irmãos Grimm analisada, vê-se que, nesta, não há reprodução de discurso direto que remeta à interlocução entre os governantes da cidade e os cidadãos, como há no excerto retirado da adaptação. Já no exemplo 2, deparamo-nos com a voz dos cidadãos em mobilização clamando por uma solução para o problema da infestação de ratos. Na versão mais antiga do conto, não há a presença da voz dos cidadãos, mas apenas o relato do narrador de que estes haviam se dirigido aos governantes da cidade em busca de soluções, como visto a seguir:

The terrified citizens flocked to plead with the town councilors to free them from the plague of rats.<sup>4</sup> (GRIMM, p.1)

No cotejo da adaptação e da versão mais antiga foi possível confirmar que o tom tétrico frequente nos contos assinados pelos Irmãos Grimm é mantido na adaptação de Bráulio Tavares, embora o desfecho da história se inicie, nesta, de forma diferente do

<sup>4</sup> “Os cidadãos aterrorizados reuniram-se com os governantes da cidade para livrá-los da praga dos ratos.” (tradução nossa)

original, o que leva o leitor, inicialmente, a imaginar que o final também será diferente do trazido pelos Irmãos Grimm. Observemos:

<p>Um suspiro coletivo ecoou pelo salão: ao verem que o Flautista desistiu da discussão, eles acharam que aquilo lhes dava toda a razão.</p>	<p>E ali, num banco da praça, com expressão de cansaço, o Flautista parecia a imagem do fracasso: parecia estar exausto. sem forças pra dar um passo</p>	<p>Ao som dessa musiquinha outros entraram na dança, foi chegando para perto tudo quanto era criança, todos pulavam contentes como quem nunca se cansa</p>
<p>≠</p>	<p>≠</p>	<p>≠</p>
<p>Na versão original, após os governantes se recusarem a pagá-lo pelos serviços prestados, o Flautista deixa a prefeitura ameaçando os políticos de que tal atitude teria consequências.</p>	<p>Diferentemente da adaptação, o Flautista, na versão dos Irmãos Grimm, só reaparece na cidade durante a noite e, então, põe seu plano de vingança em prática.</p>	<p>Na versão mais antiga, o Flautista hipnotiza as crianças com a música de sua flauta, enquanto os pais dormem tranquilamente e nada ouvem.</p>

Apesar de o desfecho da história – na versão de Bráulio Tavares - começar de uma maneira mais leve, insinuando ao leitor que a história acabará em festa, acontece uma reviravolta na história, trazendo de volta o tom lúgubre e mantendo o desfecho da versão original, no qual as crianças são levadas pelo Flautista e presas no interior de uma montanha.

O segundo cotejo de obras que realizamos foi entre *A Gata Borralheira e Outras Histórias*, de Walcyr Carrasco, e a versão de *A Gata Borralheira* dos Irmãos Grimm. Inicialmente, observa-se que a adaptação de Carrasco, assim como a adaptação de Bráulio Tavares acima analisada, apresenta um número maior de diálogos entre personagens em comparação com o conto original dos Irmãos Grimm, o que confere um caráter mais dinâmico à história.

Considerando a totalidade do enredo, Carrasco busca manter em sua adaptação diversos elementos característicos da obra original, como, por exemplo, o enterro da mãe no jardim da casa, a árvore que cresce sobre o túmulo da mãe, a ausência constante do pai, as condições impostas pela madrasta para que a menina pudesse ir ao baile, entre outros aspectos.

Entretanto, embora o autor busque manter certa proximidade entre sua adaptação e as versões mais antigas e conhecidas do conto, algumas diferenças são notadas, como a tentativa de se explicar o porquê de o pai permitir os maus tratos da madrasta e enteadas para com sua filha, possivelmente na tentativa de explicar ao leitor contemporâneo tal atitude, que não é bem aceita nos parâmetros sociais atuais. Vejamos:

- Ela é muito desobediente e está aprendendo a dar valor ao que tem – explicou a madrasta.

Se o pai acreditou ou se tinha medo de brigar com a nova esposa, ninguém sabe. O fato é que deixou as coisas como estavam. (CARRASCO, p. 13)

Ainda lidando com as diferenças encontradas no cotejo das obras, no conto mais antigo, toda ajuda que a menina recebe é provida de um pássaro que tem seu ninho na árvore que fica sobre o túmulo da mãe, enquanto, na adaptação, mantém-se a presença do pássaro, porém não tão constante e decisiva no enredo como na versão mais antiga.

Ainda na adaptação é possível encontrar uma mudança crucial no enredo: a presença de uma fada madrinha que ajuda a menina. A escolha pela inserção de uma fada madrinha na história sugere que o autor se deixou influenciar por outras versões mais recentes e bem sucedidas do conto – inclusive do cinema e outras mídias - de modo a cativar mais a atenção do público-alvo.

Imediatamente, os galhos do pé de avelã se mexeram. Toda vestida de azul, uma fada surgiu, voando através da noite. Para surpresa da moça, a fada tinha o rosto de sua mãe! [...]”

Diferentemente da versão dos Irmãos Grimm, mas aproximando-se da versão de Charles Perrault (que acabou constituindo a versão mais utilizada para livros e filmes), no conto adaptado por Carrasco surge também a ideia de que o encanto posto sobre a menina possui hora para acabar, como se pode ver na fala da fada madrinha:

-[...] Mas não se esqueça. O encanto acaba à meia-noite. Na última badalada da meia-noite, suas roupas voltarão ao normal.

Assim como Tavares em sua adaptação, Carrasco mantém o tom um tanto aterrador do conto original dos Irmãos Grimm, não subtraindo do enredo as dilacerações às quais as meias-irmãs se submetem para encaixar seus pés no sapatinho.

- Corte com uma faca. Melhor perder o dedo e ganhar uma coroa – aconselhou a velha.

A tonta concordou. Arrancou o dedo. Espremeu o pé no sapatinho. Foi mancando para a sala. [...]

Tão tonta quanto a irmã, ela cortou o calcanhar com uma faca. (CARRASCO, p.23)

Todavia, ainda adotando um tom mais mágico e característico de contos de fadas que circulam em meio à literatura infantil contemporânea, Carrasco encerra sua adaptação do conto dos Irmãos Grimm com a clássica frase: “e foram felizes para sempre!”.

Em nossa análise, também analisamos os paratextos dos dois livros e, para tanto, retomamos o seu conceito.

Entende-se por paratexto o “conjunto de fragmentos verbais que acompanham o texto propriamente dito; pode se tratar de unidades amplas (prefácios, textos figurando na capa etc.) ou de unidades reduzidas: um título, uma assinatura, uma data, um intertítulo, uma rubrica [...], comentários na margem”. (MAINGUENEAU, 2001, P. 81).

Em ambas as adaptações analisadas nesta pesquisa, foi possível encontrar paratextos que visavam dar ao leitor conhecimento sobre os textos originais e sobre a vida e obra dos autores Wilhelm e Jacob Grimm. Há ainda um paratexto informativo sobre o gênero literário utilizado na adaptação – o cordel – no caso do livro *O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamelin* – o que consiste em um elemento esclarecedor e auxiliar para os jovens leitores que não têm familiaridade com o gênero.

No caso do livro *A Gata Borralheira e Outras Histórias*, de Walcyr Carrasco, o paratexto de cunho mais informativo se refere a todos os contos reunidos na obra, tratando da origem dos contos e dos trabalhos dos Irmãos Grimm. Explicações a respeito de trechos do enredo, contextualizando-os por sua origem, por exemplo, também são encontradas ao longo do conto – como, por exemplo, uma explicação sobre por que a mãe havia sido enterrada no jardim da casa.

Assim como os contos adaptados, os paratextos que os acompanham são apresentados em linguagem coloquial e com explicações de fácil entendimento ao público-alvo (leitores de anos iniciais).

## FECHANDO AS ANÁLISES

Nosso percurso através do exame das adaptações selecionadas permite-nos concluir que nelas são mantidos os principais elementos das narrativas originais, como o conflito principal e o desfecho, o que aproxima as adaptações às versões mais antigas, escritas pelos Irmãos Grimm e às quais se tem acesso. Entretanto, foram detectadas algumas diferenças com relação à caracterização das personagens, alguns detalhes do enredo, assim como a escolha de vocabulário coloquial – nas versões mais recentes. Tais diferenças se explicam primordialmente através de seus contextos de produção e de seus destinatários, visto que se trata de leitores de pouca idade e em processo de domínio da competência leitora. Também deve-se considerar as características da literatura infantil contemporânea, em que o uso de uma linguagem coloquial é considerado um valor de tal literatura; por outro lado, a valorização da literatura de cordel, num contexto em que as diferentes culturas regionais ganham maior espaço e reconhecimento, certamente teve seu papel para que Bráulio Tavares recriasse o conto dos Irmãos Grimm dentro dessa estética. Nas duas versões contemporâneas, verifica-se, por outro lado, a existência de paratextos que buscam articular a nova versão em relação às versões do século XIX, bem como dar conhecimento ao leitor a respeito da origem dos contos. Deve-se registrar que a proliferação de paratextos com funções

de informação, esclarecimento e, também, de sedução do leitor, tem sido outra característica da produção editorial mais recente para crianças.

De acordo com a bibliografia especializada consultada e conforme as análises realizadas, pode-se reafirmar a importância das adaptações de contos clássicos para leitores infanto-juvenis contemporâneos, na medida em que possibilitam o acesso e o conhecimento de tais narrativas. Além de iniciar os jovens leitores na leitura literária, as adaptações abrem espaço para que o jovem busque conhecimento e entretenimento em outras formas de literatura voltadas à sua faixa etária, bem como pode incentivá-los a buscar a leitura das obras clássicas em suas versões originais no futuro.

Nunca é demais lembrar que o maior nome da literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato, foi um entusiasta das adaptações e realizou-as em larga escala. Conforme Ceccantini (1997, p. 6), o autor deu “nova vida a uma série de textos que o tinham impressionado vivamente na infância e que julgava fundamental serem conhecidos das novas gerações”. No caso das duas adaptações que analisamos, o fato de – entre tantas outras lançadas no mercado – terem sido selecionadas para integrarem acervos do PNBE pode sinalizar que elas têm méritos que as tornam de interesse para os leitores infantis dos dias atuais. Afinal, como afirma o mesmo autor (1997, p. 7), “não se pode subtrair a elas [as adaptações] o papel histórico que têm desempenhado na ampliação do círculo de leitores de determinadas obras, desde que a cultura saiu das mãos dos pequenos guetos para as grandes massas”.

## REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CARRASCO, Walcyr. **A Gata Borralheira e Outras Histórias.** Ilustrações de Suppa. Barueri, SP: Manole, 2009.

CARVALHO, Diógenes B. A. Adaptação literária e formação de leitores. In: PINHEIRO, Alexandra S; RAMOS, Flávia B. (orgs.). **Leitura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa.** Campinas, SP: Mercado de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

CECCANTINI, João Luís C. T. A adaptação dos clássicos. **Proleitura**, Assis, UNESP, v. 4., n. 13, p. 6-7, abr. 1997.

GRIMM. **The Pied Piper of Hamelin.** Disponível em: <[http://www.yankeeweb.com/library/storytime/grimmbros/grimmbros\\_41.html](http://www.yankeeweb.com/library/storytime/grimmbros/grimmbros_41.html)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

GRIMM. A Gata Borralheira. In: \_\_\_\_\_. **Contos de Grimm: A Bela Adormecida e outras histórias.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

TAVARES, Bráulio. **O Flautista misterioso e os ratos de Hamelin.** Ilustrações de Mario Bag. São Paulo: 34, 2006.